

John F. C. Turner em Salvador (1968):
Aproximações à problemática habitacional brasileira

John F. C. Turner en Salvador (1968):
aproximaciones a la problemática habitacional brasileña

John F. C. Turner in Salvador (1968):
approaches to the Brazilian housing problem

José Carlos Huapaya Espinoza
Universidade Federal da Bahia

Laís da Silva Cerqueira
Universidade Federal da Bahia



RESUMO:

Pouco tem sido escrito sobre as eventuais reverberações do pensamento de John F. C. Turner no Brasil, mesmo ele tendo tido um papel relevante para a discussão sobre a cidade popular e a habitação social no final da década de 1960. A sua aproximação à capital baiana não pode ser desvinculada dos acontecimentos na escala estadual e nacional. De fato, o que se percebe é que a chegada de Turner no Brasil não teve tanta repercussão como era de se esperar se tomarmos como referência as notícias publicadas nos jornais à época. Esse panorama revela-nos que Turner era mais um *expert* chegado no Brasil e, talvez por isso, sua permanência e atuação no país tenha sido eclipsada ou mesmo compartilhada com a de outros profissionais. Assim, surgem alguns questionamentos: o que estava acontecendo especificamente em Salvador em matéria de habitação social? Quais foram as articulações que viabilizam sua ida para Salvador? O que ele visita? Sobre o que ele fala? Responder a essas perguntas é o objetivo deste artigo.

Palavras-chave: John F. C. Turner, Brasil, Salvador, Cidade popular, Habitação social.

RESUMEN:

Poco se ha escrito sobre las posibles repercusiones del pensamiento de John F. C. Turner en Brasil, a pesar de que tuvo un papel relevante en la discusión sobre la ciudad popular y la vivienda social a finales de los años 1960. Su aproximación a la capital de Bahía no puede estar desvinculada de los acontecimientos a escala estadual y nacional. De hecho, lo que se puede comprobar es que la llegada de Turner a Brasil no tuvo tanta repercusión como se podría esperar si tomamos como referencia las noticias publicadas en los periódicos de la época. Este panorama nos revela que Turner fue un experto más llegado al país y quizás por ello su estancia y trabajo en el país quedó eclipsado o incluso compartido con el de otros profesionales. Surgen entonces algunas preguntas: ¿Qué estaba pasando específicamente en Salvador en materia de vivienda social? ¿Cuáles fueron las articulaciones que le permitieron ir a Salvador? ¿Qué lugares visitó? ¿De qué habló? Responder a estas preguntas es el objetivo de este artículo.

Palabras clave: John F. C. Turner, Brasil, Salvador, Ciudad popular, Vivienda social.

ABSTRACT:

Little has been written about the possible repercussions of John F. C. Turner's thinking in Brazil even though he played a relevant role in the discussion on the self-built city and social housing in the late 1960s. His approach to the capital city of the State of Bahia cannot be separated from events on a state and national scale. In fact, what we can see is that Turner's arrival in Brazil did not have as much repercussion as one would expect if we take as a reference the news published in the newspapers at the time. This panorama reveals to us that Turner was one more expert who arrived in the country at the time, and perhaps for this reason his stay and work in the country were eclipsed by, or even shared with, that of other professionals. Thus, some questions arise: what was specifically happening in Salvador in terms of social housing? What were the arrangements that made it possible for him to move to Salvador? What places did he visit? What did he talk about? The purpose of this article is to answer those questions.

Keywords: John F. C. Turner, Brazil, Salvador, Popular city, Social housing.

Introdução. *Experts* e personalidades marcantes no Brasil

Pouco tem sido escrito sobre as eventuais reverberações do pensamento de John F. C. Turner no Brasil, mesmo ele tendo tido um papel relevante para a discussão sobre a cidade popular e a habitação social no final da década de 1960, quando foi contratado pelo Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU) para ministrar o curso Programação Habitacional e Favelas (HUAPAYA; GRAPPI, 2017). Essa vinda de Turner ao Brasil não pode passar despercebida uma vez que tem que ser entendida como possibilidade de disseminar seu pensamento no país e, também, como forma de se aproximar de algumas realidades brasileiras como as do Rio de Janeiro, Brasília, Salvador, Recife e Belém.

Suas impressões sobre as propostas e políticas habitacionais pensadas, geridas e concretizadas pelo poder público brasileiro (nas diversas escalas governamentais) se opunham radicalmente a toda sua construção teórica sobre a temática elaborada a partir da sua experiência no Peru no final da década de 1950. No balanço final de sua viagem, ele afirmava que lhe haviam sido apresentadas soluções que ele via como problemas e problemas que via como soluções (TURNER, 1968). Quer dizer, o Brasil continuava replicando a fórmula adotada de maneira sistemática no continente: o problema habitacional era enfrentado a partir da construção de conjuntos habitacionais impessoais que não levavam em consideração a participação direta e efetiva dos interessados e, portanto, não incorporavam suas reais necessidades e possibilidades.

Nesse contexto, a sua aproximação à capital baiana não pode ser desvinculada dos acontecimentos nas escalas estadual e nacional. De fato, o que se percebe é que a chegada de Turner no Brasil não teve tanta repercussão, como era de se esperar se tomarmos como referência as notícias publicadas nos jornais à época. Pelo contrário, a singela divulgação de sua estada no Brasil e em Salvador contrastou, por exemplo, com notícias voltadas para as expectativas da visita do Papa Paulo VI em agosto de 1968¹ e da visita do *popstar* Mick Jagger ao Rio de Janeiro no final do mesmo ano. Já no contexto soteropolitano não foi diferente. As quase inexistentes notícias sobre Turner na capital baiana contrastam com a visita do *expert* francês Ali Urioni (técnico da UNESCO), que havia sido contratado pelo Governo do Estado para examinar e avaliar o projeto para o Pelourinho; a vinda do Ministro dos Transportes Mário Andreazza com a finalidade de discutir com o Governador da Bahia, Luís Viana Filho, a viabilização da construção da BR-242 que ligaria Salvador a Brasília (Figura 1); e com o concurso público para o projeto da Biblioteca do Estado.

Este breve panorama revela-nos que Turner era mais um *expert* estrangeiro no Brasil e, talvez por isso, sua permanência e atuação no país tenha sido eclipsada ou mesmo diminuída por causa de outros profissionais. Ainda, como já foi mencionado, sua presença no Brasil pode não ter sido tão bem aceita e ter encontrado entraves por ele se opor claramente às políticas habitacionais então propostas, criticando-as de forma veemente. Por outro lado, é possível perceber que ele chega à

1 A exemplo da notícia “Confirmada a vinda do Papa ao Brasil em agosto”, publicada no Jornal *A Tarde* em 26 jan. 1968.

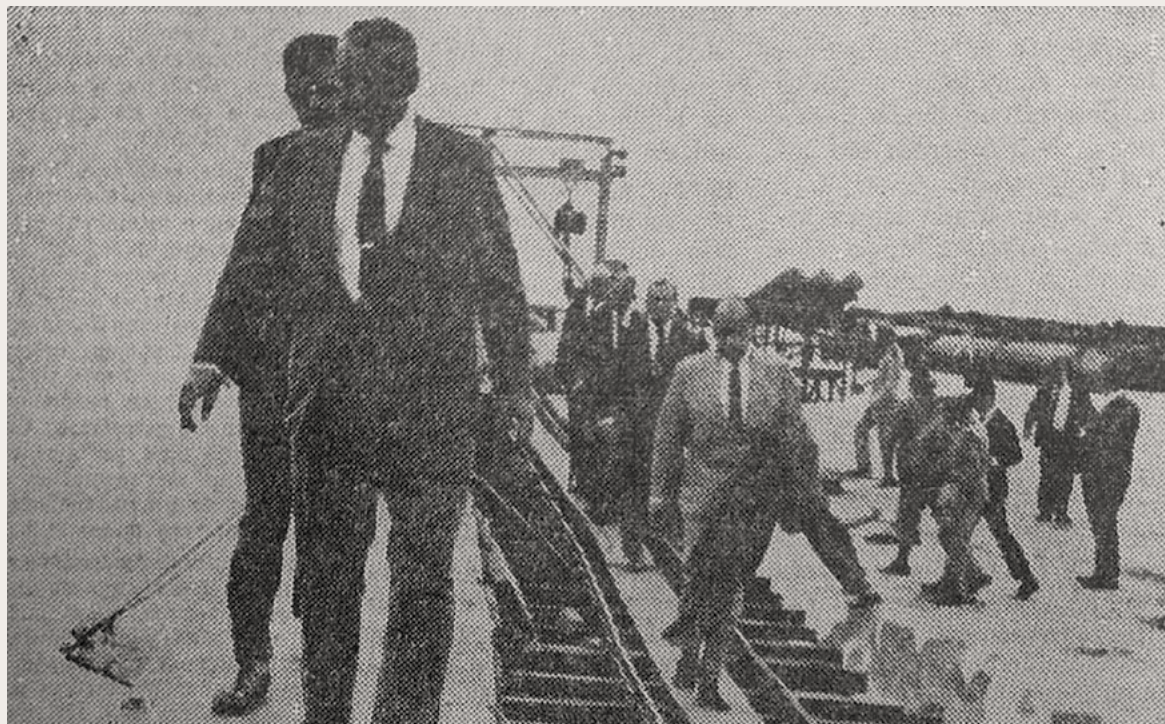


Figura 1: O Ministro Andreazza visitando as obras de ampliação do Porto de Salvador.

Fonte: *A Tarde*, 23 jan. 1968.

cidade de Salvador em um momento bastante particular marcado por uma série de investimentos públicos no âmbito econômico vindos do Governo Federal, além de importantes experiências voltadas para o desenvolvimento do estado, vindas de diversas frentes, viabilizadas pelo governador Luís Viana (HUAPAYA, 2016).

Ainda na escala estadual e municipal, o enfrentamento ao déficit e qualidade habitacional nos permite identificar diversas propostas que nos revelam tensionamentos entre as soluções largamente praticadas pelo Banco Nacional de Habitação (BNH) no país e a necessidade de diálogo e aproximação com a população economicamente mais vulnerável. Assim, surgem alguns questionamentos: o que estava acontecendo especificamente em Salvador em matéria de habitação social? Quais as articulações que viabilizam sua ida para Salvador? O que ele visita? Sobre o que ele fala? Responder a estas perguntas é o objetivo deste artigo.

A atuação governamental no panorama

habitacional de Salvador na década de 1960

Em meados da década de 1960, segundo Mendonça (1989), a promoção da habitação popular no país passava por um processo de adaptação e transformação, que pode ser dividido em dois contextos. No primeiro, enquanto o Banco Nacional de Habitação (BNH) se estruturava, dois agentes promotores de habitação popular atuavam na Bahia: a Habitação e Urbanização da Bahia S.A. (URBIS)² e a Companhia de Habitação de Salvador (COHAB-Salvador)³. No segundo contexto, iniciado em 1968, a URBIS, representada pelo governo estadual, torna-se o único agente promotor do BNH para a construção de casas de baixo custo da cidade, incorporando o patrimônio da COHAB-Salvador (MENDONÇA, 1989).

Ainda segundo Mendonça (1989), com a perda da municipalidade como agente promotor, desfazem-se também alguns instrumentos de intervenção na habitação popular, dentre eles: normas urbanísticas específicas, além de análise e aprovação dos órgãos municipais. Além disso, ocorre a centralização do poder no BNH, reforçando o caráter setorial e competente na política fundiária, mas pouco efetivo na resolução de demandas sociais, limitando-se à construção de casas (MENDONÇA, 1989). Apesar da maior parte de aquisição de terras públicas, pela URBIS, ter sido em 1967/1968, foi em 1965 que foram construídas, ainda com o capital social da COHAB-Salvador, as primeiras 500 casas financiadas pelo BNH na cidade, em um terreno doado pela Prefeitura, que se destinava originalmente à transferência das famílias que moravam na área de Alagados⁴ (MENDONÇA, 1989).

Alagados foi um “conglomerado urbano” que surgiu em meados da década de 1940, na Enseada dos Tainheiros, na região de Itapagipe (CARVALHO, 2002). Consistiu-se na junção de cinco assentamentos autoconstruídos que tinham diferentes níveis de consolidação, tendo como característica comum a construção de casas de madeira sobre palafitas em áreas alagadiças (CARVALHO, 2002)⁵. Em termos de dados sobre essa população, grande parte dos moradores eram jovens e crianças (que não tinham acesso à escola). Os adultos trabalhavam por conta própria ou “biscate”⁶ (cerca de 46%) e eram originários de cidades do interior do Estado (cerca de 38%) (INTEGRAÇÃO..., 1968). Com relação às casas, somente 15% eram próprias e 49% haviam sido autoconstruídas pelos moradores, das quais um número reduzido possuía iluminação elétrica e, quando acontecia, era

2 A URBIS foi uma empresa de economia mista, subordinada ao governo estadual, criada em 1965 (MENDONÇA, 1989).

3 A COHAB-Salvador, criada em 1964, foi integrada à política de habitação nacional centralizada BNH, no âmbito municipal. Substituiu a Companhia de Urbanização de Salvador (CURSA), criada em 1963, “que objetivava a gestão do patrimônio fundiário municipal e a produção de habitações” (MENDONÇA, 1989, p. 81).

4 No entanto, grande parte dessas famílias não foram transferidas para essa localidade, como explicaremos mais adiante.

5 Apesar de ser uma junção de cinco assentamentos autoconstruídos, o que pode parecer uma área muito grande, na década de 1960, Alagados representava apenas 5% do problema habitacional da capital baiana (INTEGRAÇÃO..., 1968).

6 O trabalho de “biscate” pode ser interpretado como um trabalho extra, que se faz sem remuneração regular, também conhecido como “bico”.

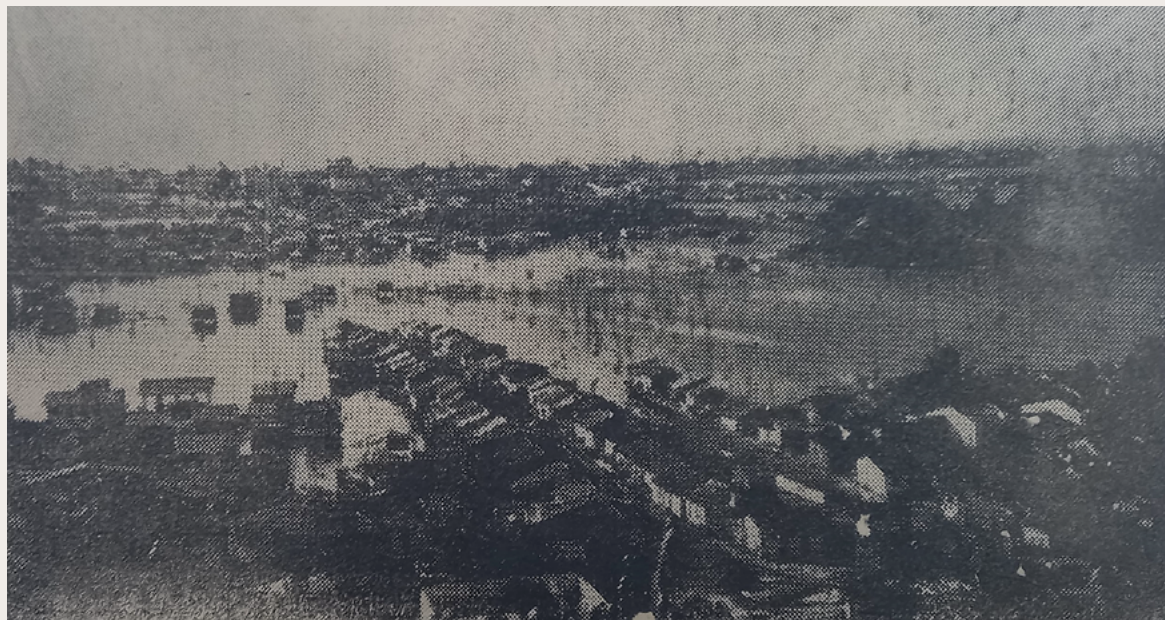


Figura 2: Alagados no final da década de 1960.

Fonte: INTEGRAÇÃO..., 1968.

por “revenda” de outros moradores de bairros próximos. Além disso, não tinham esgotos, sendo os dejetos lançados diretamente no mar (INTEGRAÇÃO..., 1968). Possuir casa própria em terreno firme constituía aspiração de muitos moradores e, apesar de não ter nenhum tipo de serviço ou equipamento público, como escolas ou centros de saúde na área, poucas famílias queriam sair da localidade (INTEGRAÇÃO..., 1968) (Figura 2). Sobre as características de Alagados naquele momento, temos que:

O solo é resultante de aterro, proveniente de cascalho, lixo da cidade, areia e outros materiais. Suas ruas são tortuosas e estreitas, não estão pavimentadas e não dispõem de passeio ou ante-jardim para proteger a parte da frente das casas. Na parte fina posterior do conjunto, as casas se intercomunicam através de precárias pontes de madeiras sobre a água, improvisadas pelos próprios moradores. Para atingirem as casas mais distantes os seus moradores utilizam pequenos barcos. A descarga de lixo da cidade se fez neste local através de caminhões e a população utiliza como entulho das ruas e terrenos de suas moradias. As casas na parte já aterrada são de alvenaria, geralmente térreas e as que estão em terreno semiaterrado ou dentro da água, sobre estacas de madeiras e muito raramente de concreto. (INTEGRAÇÃO..., 1968, p. 1)



Figura 3: Conferência de Turner no IAB, 29 de janeiro de 1968.

Fonte: CONFERÊNCIA..., 1968.

A formação desse “conglomerado urbano” foi gradual, consolidando-se (e crescendo cada vez mais em termos de quantidade de casas) com o passar dos anos. Por isso, desde 1940 até 1968, surgiram algumas propostas e intenções de projeto para Alagados que iam sendo alterados à medida que aconteciam mudanças administrativas do governo central, estadual e municipal, como as pontuadas acima. Uma delas foi elaborada pela Companhia de Urbanização de Salvador (CURSA), em 1963, que faria um estudo daquela área (estimada em 2 milhões de m²) e apresentaria um projeto de recuperação, que não chegou a ser finalizado porque, com a criação do BNH, a solução do problema de Alagados passou a ser assumida pela COHAB (INTEGRAÇÃO..., 1968). Em meados de 1965, o BNH propôs que os moradores de Alagados fossem retirados e instalados em outra região⁷.

⁷ Esse local seria na Fazenda 7 de Abril, onde o BNH construiu 500 casas, como falado anteriormente. (MENDONÇA, 1989). No entanto, naquele momento, já se falava na ampliação da proposta com a construção de mais 1500 habitações (INTEGRAÇÃO..., 1968).

No entanto, na gestão do arquiteto Carlos Eduardo Politano⁸ houve uma discordância em relação a esta proposta de remoção do BNH, e a COHAB sugeriu⁹ um projeto “meio termo” em que o morador poderia ter a opção de se transferir ou não do local (INTEGRAÇÃO..., 1968, p. 2). Porém, essa proposta se revelou de alto custo e teve pouca adesão, já que a grande maioria das famílias não aceitou mudar de lugar¹⁰ (INTEGRAÇÃO..., 1968). Ficou decidido e anunciado pelo governador Luís Viana Filho, portanto, que os moradores não seriam removidos do local¹¹ e que haveria a construção do aterro na área onde as casas já estavam instaladas¹² (INTEGRAÇÃO..., 1968).

Com a permanência das famílias na área de Alagados, surgiu a necessidade de realizar outros estudos sobre os moradores e o território, desta vez através do governo do Estado, na URBIS, para a execução da urbanização e do saneamento, com o objetivo de oferecer aos moradores condições mínimas de conforto (MÚSICA..., 1968). Para esse processo, foi convidado o sociólogo carioca José Artur Rios, então diretor da Sociedade de Planejamento Econômico (SPLAN) e responsável pela “remoção dos favelados dos morros cariocas” (ALAGADOS..., 1968, p. 2). Ele faria o levantamento da população moradora de Alagados¹³ a fim de orientar o governo sobre os problemas de urbanização, “cuja execução ficará a cargo de um grupo de jovens arquitetos da própria Secretaria das Municipalidades” (MÚSICA..., 1968, p. 2). Com isso, foi criado um órgão do Estado, de alto nível técnico, o Instituto de Urbanismo e Administração Municipal (IURAM)¹⁴, para planejamento e solução global do problema de Alagados (NO DIA..., 1968).

Mesmo com os estudos sociológicos em processo de realização e levantamento, deu-se início às obras de recuperação de Alagados, com a desobstrução dos canais para os trabalhos de saneamento e posterior aterramento e urbanização (RECUPERAÇÃO..., 1968). Além disso, aconteceriam obras para a instalação de 8 chafarizes, que promoveriam e ampliariam o abastecimento de água da região; a construção de duas escolas¹⁵; a recuperação do Ginásio Pedro Américo com a criação de uma biblioteca em anexo; a reforma do Posto de Saúde José Maria Alkmim, que já estava fechado há

8 Ele se formou na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, em 1963. Em 1966, ocupava o cargo de presidente da URBIS e da COHAB (BNH..., 1966).

9 Acreditamos que esta proposta deve ter acontecido em meados de 1965.

10 Das 500 famílias que moravam em Alagados, somente 30, em média, se mudaram de lá (INTEGRAÇÃO..., 1968).

11 Isso aconteceu, também, por conta da resistência dos moradores à remoção (INTEGRAÇÃO..., 1968).

12 Essa decisão de permanência dos moradores na região levou, posteriormente, à implantação de uma política habitacional para população de baixa renda, sendo o conglomerado de Alagados o pioneiro na urbanização e criação de infraestrutura para áreas autoconstruídas com o financiamento do Banco Nacional de Habitação. Segundo Carvalho (2002), esse fato trouxe uma importância nacional à região, já que o foco da atuação do BNH, naquela época, consistia na construção de conjuntos habitacionais.

13 Tal estudo teria um prazo de 70 dias para ficar pronto (MÚSICA..., 1968).

14 O IURAM estava vinculado à Secretaria do Planejamento, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado da Bahia.

15 A primeira, a Escola Presciliano Silva, voltada para ensino primário, teria uma capacidade de 16 salas; e a segunda, sem nome divulgado, teria 18 salas (GOVERNO INICIARÁ..., 1968).



Figura 4: Fotos
elaboradas por Turner
em Alagados.

Fonte: *RIBA Journal*,
fev. 1974.

mais de 6 anos; e a construção do Centro de Obstetrícia “Gesu Bambino”, custeado por entidade religiosa da Itália, em terreno doado pela Prefeitura (GOVERNO INICIARÁ..., 1968; NO DIA..., 1968; GOVERNO INICIOU..., 1968; CHAFARIZES..., 1968).

Além de Alagados, que, como vimos, passava por constantes discussões públicas, o debate sobre habitação popular também estava sendo abordado a partir da construção de conjuntos habitacionais em outras áreas de Salvador, como Paripe, Engenho Velho de Brotas, Cabula e Castelo Branco (MENDONÇA, 1989). Isso porque a Política Habitacional Brasileira estava estruturada a partir do desempenho do BNH, que tinha como uma das principais funções promover a aquisição e a construção da casa própria, principalmente para “faixas populacionais de baixa renda” (SZUBERT, 1979). Nesse sentido, ao BNH estava reservada a função normativa e financeira, ficando aos entes privados a execução de projetos de habitação, que, no primeiro momento¹⁶, propunha conjuntos habitacionais como modelo padrão. (SZUBERT, 1979).

No entanto, esses conjuntos foram localizados em áreas distantes do centro e tinham padrões de construção, dimensão, tecnologia, tipologia, custo e forma de aquisição questionáveis (ESPÍRITO SANTO, 2000). Isso revelava “distorções” em relação às suas implantações e finalidades, já que o objetivo era a “erradicação de favelas” com a promoção de habitação popular (SZUBERT, 1979). Porém, na verdade, o que acontecia era a expansão desses assentamentos autoconstruídos ao redor dessas novas casas populares implementadas pelo governo, direcionando a expansão urbana da cidade e proporcionando uma espécie de “zoneamento baseado na renda dos moradores”. (ESPÍRITO SANTO, 2000, p. 96).

Turner em Salvador: reflexões e impactos da experiência brasileira

John F. C. Turner chegou a Salvador no dia 29 de janeiro de 1968 para ministrar duas conferências na cidade com a temática sobre Programação Habitacional e Favelas. A primeira conferência aconteceu no mesmo dia da sua chegada, no auditório do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) – Departamento da Bahia, a convite do presidente Ubirajara Pereira Fontes, às 20:30 (BANCO..., 1968; PALESTRA..., 1968) (Figura 3); já a segunda foi realizada no dia 30 de janeiro, às 9h, no auditório do Departamento Estadual de Estradas e Rodagem da Bahia (DERBa) (HABITAÇÃO..., 1968).

Como foi visto anteriormente, foi nesse panorama de discussões e mudanças de gestão e financiamento da habitação popular que Turner chega à capital baiana, tendo como um dos debates principais na cidade a questão de Alagados. Ele foi convidado para “colaborar no planejamento das poupanças habitacionais para a população de baixa renda” (SERFHAU..., 1968, p. 3). Por essa razão, ele realizou uma visita à região da Enseada dos Tainheiros para conhecer o local, o início

¹⁶ Segundo Szubert (1979), o BNH teve três momentos diferentes de atuação. O primeiro, como pontuado no texto, tinha como proposta principal a construção de conjuntos habitacionais. No segundo e terceiro momento, essas propostas se ampliaram, incluindo ações voltadas para saneamento básico e urbanização.

das obras¹⁷ e o projeto que seria implementado (ASSESSOR..., 1968). Naquele momento, Turner atuava como assessor da Organização das Nações Unidas (ONU) para assuntos de habitação e a sua vinda para o Brasil havia sido patrocinada, como vimos, pelo Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU) (BANCO..., 1968). Além da capital baiana, ele também esteve no Rio de Janeiro, ministrando um curso de 4 dias¹⁸, além das outras três cidades já mencionadas.

Apesar de os jornais locais não darem muita divulgação às suas palestras, as poucas notícias publicadas nos permitem ter uma noção sobre o que ele discutiu. Por exemplo, na primeira palestra, no dia 29 de janeiro, ele alegava que nas favelas em geral existem problemas de diversas grandezas por conta do nível econômico das pessoas e que o mais urgente não seria a casa, mas sim a garantia de um trabalho e condições mínimas de sobrevivência, como no caso de Alagados (SERFHAU..., 1968; ASSESSOR..., 1968). Para ele, era fundamental que o Estado assegurasse uma infraestrutura urbana adequada, como escolas, luz, água, segurança e outros serviços públicos que permitissem que o morador mudasse de vida, podendo, dessa forma, dispor de recursos para comprar ou melhorar a habitação na qual já vive (SERFHAU..., 1968; ASSESSOR..., 1968). Além disso, ressaltou a importância da permanência dos moradores nos locais onde já residiam, principalmente por conta das relações preestabelecidas, inclusive no âmbito laboral (SERFHAU..., 1968; ASSESSOR..., 1968).

Após deixar o país, Turner publicou um artigo na revista *Arquitetura*, de fevereiro de 1968, em que discorre sobre as visitas realizadas nas cidades brasileiras, pontuando questões relacionadas à política habitacional. Apesar de não falar especificamente sobre Salvador, o assessor da ONU alertou que as favelas, por si só, não eram um problema e que por vezes as soluções encontradas, principalmente quando se remete à construção de conjuntos habitacionais, não resolvem as principais questões dos moradores. Para Turner (1968), mais do que a casa em si, as pessoas que moram nesses locais precisariam de infraestrutura urbana e social de qualidade, além de localização privilegiada, principalmente no que tange ao emprego, para que possam se desenvolver e, dessa forma, arcar os custos da uma casa.

No texto “Recursos de vivenda em América del Sur”¹⁹, publicado originalmente em 1963, Turner destaca que a autoconstrução não era um problema, e sim um recurso a ser utilizado pelos governantes. Nas conferências realizadas em Salvador, a fala dele volta-se para essas mesmas ideias e fica claro o reforço dado por ele para a importância da infraestrutura urbana como elemento essencial nos processos de urbanização, principalmente nos autoconstruídos, ressaltando o conhecimento que os moradores têm de suas próprias necessidades.

17 Como já indicado na seção anterior.

18 O curso realizado por Turner, no Rio de Janeiro, tinha o mesmo tema das palestras em Salvador.

19 Este texto foi publicado na revista *Architectural Design* (n. 8, ago. 1963) e traduzido para o castelhano em Turner (2018).

Esse discurso se mantém em outros artigos, conferências, cursos e textos escritos por Turner nos anos seguintes²⁰. Em 1974, ele publicou o artigo intitulado “The fits and misfits of people’s housing”, onde salienta que a moradia iria além da casa em si; ou seja, o ambiente ao redor e a vida das pessoas que ali residem são tão importantes quanto a existência de um espaço físico para morar, sendo, portanto, elementos inseparáveis que compõem um grande ecossistema. No caso de Alagados, ele aponta para a notável correspondência entre as necessidades e o entorno onde as casas foram construídas, destacando, ainda, o apoio mútuo entre os moradores, onde as técnicas de construção e as formas e usos são compartilhadas, de modo que todos mudam juntos e se apoiam mutuamente, em um verdadeiro ecossistema (Figura 4). Sobre isto Turner evidencia:

A princípio, o assentamento consiste em moradias de famílias de pescadores, acessíveis apenas por barco durante a cheia. Tudo o que a família precisa é de um barco ou de uma canoa e da tolerância das autoridades ou dos vizinhos de bairros próximos [...]. À medida que a urbanização assume o controle, e à medida que a pesca diminui ou se torna relativamente menos lucrativa, a água é deslocada pelo enchimento seco: neste caso particularmente econômico, os habitantes persuadiram as relutantes autoridades municipais a despejar o lixo da cidade debaixo das suas casas. Isto proporcionou uma fonte de renda alternativa ou adicional: varrer o lixo recém-despejado. Cada membro da família capaz separa vidros e metais vendáveis, enquanto os porcos da família se engordam

Neste mesmo artigo, Turner reafirma que a construção de conjuntos habitacionais não era a melhor opção para resolver a questão habitacional por estarem, em geral, localizados longe dos lugares onde os moradores estabeleceram relações comerciais e de trabalho. Além disso, para as famílias, esses conjuntos têm custos de financiamento elevados se comparados aos que elas pagavam nas construções de suas próprias casas. Apesar de demorarem mais tempo para serem construídas, elas refletiam suas reais necessidades, enquanto os conjuntos habitacionais são “por vezes, menores e frequentemente de má qualidade face ao preço exigido”²¹ (TURNER, 1974, p. 5). Nesse sentido, Turner defendia a necessidade de proximidade entre os moradores e os construtores na concepção da habitação, pontuando a relevância de se construir “com” e não “para” os moradores (TURNER, 1974).

Vale destacar que antes da chegada de Turner ao Brasil, os assentamentos autoconstruídos passavam por um olhar diferenciado em relação às suas necessidades e problemáticas, com pioneirismo no Rio de Janeiro, devido aos estudos desenvolvidos pelo sociólogo José Artur Rios junto com o Padre

20 Dentre eles podemos mencionar a palestra “El profesional y el desconocimiento de la urbanización espontánea”, publicada nos Anais do XII Congreso Panamericano de Arquitectos de 1968; o texto “Nueva estrategia de la vivienda urbana”, publicado em set. 1968; e o texto “The fits and misfits of people’s housing”, publicado na revista *RIBA Journal*, em fev. 1974.

21 Tradução livre dos autores.

Joseph Lebrete que culminou com a publicação de um relatório específico²² (CESTARO, 2023). Esse documento promoveu uma atualização nos processos e orientações de pesquisa em relação às favelas, destacando a diversificação de soluções e contribuindo para a desmistificação desses locais “enquanto problema, estudando as formas de vida e associações sociais, culturais e econômicas presentes nestes territórios” (CESTARO, 2023, p. 22). Além disso, trouxe uma inovação no que tange aos procedimentos metodológicos da época, que evidenciaram a importância da visita de campo e envolvimento dos pesquisadores com a realidade pesquisada, engajando, inclusive, profissionais de diversos campos e áreas de conhecimento (CESTARO, 2023).

As ideias presentes no discurso de José Artur Rios e do Padre Joseph Lebrete, a partir do relatório publicado, estão relacionadas diretamente ao que Turner pontuou, posteriormente, nas suas conferências em Salvador, reforçando a importância da não remoção dos moradores de Alagados da região onde já habitavam (RECUPERAÇÃO..., 1968). Sua viagem ao Brasil teria sido indispensável para reforçar suas propostas: apesar das características distintas dos assentamentos autoconstruídos na América Latina, os moradores, em geral, sabiam o que era melhor para eles em termos de habitação e que as soluções propostas pelos governantes raramente atendiam às reais necessidades desses moradores. No que tange às políticas públicas implementadas ou desejadas pelos governantes, a partir de 1960, exceto em alguns casos específicos e programas pontuais²³, poucas alterações ocorreram, dando continuidade à ideia de erradicação das favelas e a construção de conjuntos habitacionais fora dos centros urbanos.

Algumas reflexões finais

A reafirmação do discurso de Turner, após visitas às cidades brasileiras, contribui muito para o entendimento das características comuns entre os assentamentos autoconstruídos das cidades latino-americanas. Com isso, foi reforçada a necessidade de uma atuação governamental mais focada na infraestrutura, serviços e equipamentos urbanos e sociais do que na construção das casas propriamente ditas.

Da mesma forma, seu posicionamento positivo sobre os moradores das favelas encontrou diálogos com os estudos realizados por José Artur Rios junto com o Padre Joseph Lebrete realizados 8 anos antes de sua chegada ao Brasil. Quer dizer, seu discurso sobre a necessidade de uma aproximação mais humanizada para com os territórios autoconstruídos das cidades brasileiras, não só destacando suas evidentes problemáticas, mas principalmente entendendo-os como repositórios de

22 Esse relatório, intitulado *Aspectos Humanos da Favela Carioca*, foi elaborado no âmbito da Sociedade para Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas aos Complexos Sociais (SAGMACS) e foi desenvolvido entre 1957 e 1959, com publicação em 1960. Além de Rios e Lebrete, o estudo teve como coordenadores os sociólogos Carlos Alberto Medina, Ailza Barbosa de Araújo e o arquiteto Hélio Modesto (CESTARO, 2023). Ver nota 16.

23 Naquele ano, em 1968, a proposta era de manter Alagados no local, apesar das políticas de outros lugares da cidade de Salvador serem de expulsão e construção de conjuntos habitacionais (NO DIA..., 1968).

ricos conhecimentos populares, não era novidade. Como vimos, Rios e Lebrecht já apostavam nessas questões como forma de melhorar a vida das próprias pessoas que ali viviam.

É importante destacar que a construção de conjuntos habitacionais, principal estratégia do poder público para erradicar favelas e promover a habitação popular, era frequentemente planejada em áreas distantes do centro²⁴. Isso provocava a expansão descontrolada da cidade, principalmente por conta do surgimento de novas autoconstruções próximas a esses conjuntos. Como Turner observava, essa atitude não apenas falhava pelo fato de resolver os problemas existentes, mas reforçava-os e replicava-os em outras áreas das cidades.

Finalmente, vê-se que questões que são importantes no debate atual sobre os assentamentos auto-construídos não apareceram nem foram problematizadas nem sinalizadas naquele momento, como a questão ambiental e racial. Essa abordagem poderia, evidentemente, ampliar os estudos sobre habitação popular em Salvador.

²⁴ Como, por exemplo, Paripe, Castelo Branco e Cabula, citados anteriormente.

Referências

ALAGADOS começam a ser recuperados e governo promete andar de depressa. **Jornal da Bahia**, Salvador, 17 jan. 1968, p. 2.

ASSESSOR da ONU acha que nos “alagados” a maior falta é de assistência. **Jornal da Bahia**, Salvador, 30 jan. 1968, p. 2.

BANCO nacional da habitação - convite. **Jornal da Bahia**, Salvador, 27 jan. 1968, p. 3.

BHN financia. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 02 nov. 1966, p. 11.

CARVALHO, E. T. de. **Os Alagados da Bahia: intervenções públicas e apropriação informal do espaço urbano**. 2002. 307 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

CESTARO, L. R. Os aspectos humanos da favela carioca: uma incursão da SAGMACS pelo Rio de Janeiro (1957-1960). **Oculum Ensaios**, Campinas, v. 20, p. 1-25, 2023.

CHAFARIZES para os alagados. **Diário de Notícias**, Salvador, 11 jan. 1968, p. 2.

CONFERÊNCIA sobre favelas. **Estado da Bahia**, Salvador, 30 jan. 1968, p. 3.

ESPIRITO SANTO, M. T. G. O arquiteto e a produção da habitação social em Salvador 1965/1998. In: NUNES, D. (Org.). **Salvador: o arquiteto e a cidade informal**. Salvador, 2000, p. 88-120.

GOVERNO INICIARÁ recuperação dos alagados após visitá-los amanhã. **Diário de Notícias**, Salvador, 16 jan. 1968, p. 2.

GOVERNO INICIOU ontem a recuperação dos alagados. **Diário de Notícias**, Salvador, 18 jan. 1968, p. 2.

HABITAÇÃO e Urbanização da Bahia S/A URBIS - convite. **Jornal da Bahia**, Salvador, 26 jan. 1968, p. 2.

HUAPAYA ESPINOZA, J. C. Eduardo Neira Alva e o Brasil: aproximações, reflexões e propostas para a habitação social e o planejamento urbano em tempos de esperança, 1965-1974. **Risco: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, São Carlos, v. 14, p. 58-72, 2016.

HUAPAYA ESPINOZA, J. C.; GRAPPI, L. Novas-velhas questões? [Re]visitando as teorias de John F. C. Turner sobre a “cidade informal” no Brasil. **Anais do XVII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (ANPUR)**. São Paulo, 2017.

INTEGRAÇÃO dos alagados à comunidade baiana é tese vitoriosa. **Jornal da Bahia**, Salvador, 21 e 22 jan. 1968, 2º Caderno, p. 1.

MENDONÇA, F. A Estratégia de localização dos conjuntos habitacionais da URBIS em Salvador, entre 1964 e 1984. **RUA**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 61-83, 1989.

MÚSICA, foguete e discurso marcam início da recuperação de alagados. **Jornal da Bahia**, Salvador, 18 jan. 1968, p. 2.

NO DIA 15 serão iniciadas pelo governador obras de recuperação dos alagados. **Estado da Bahia**, Salvador, 02 jan. 1968, p. 3.

PALESTRA de turner no iab. **Estado da Bahia**, Salvador, 26 jan. 1968, p. 3.

RECUPERAÇÃO de alagados começa dia 17 com 100 milhões de cruzeiros. **Jornal da Bahia**, Salvador, 12 jan. 1968, p. 2.

SERFHAU fará planejamento habitacional em salvador. **A Tarde**, Salvador, 30 jan. 1968, p. 3.

SZUBERT, E. B. A Urbis e a Habitação Popular na Região Metropolitana de Salvador. **Planejamento**. Salvador, v. 5, n. 2, 1977, p. 23-44.

TURNER, J. F. C. Habitação de baixa renda no Brasil: Políticas atuais e oportunidades futuras. **Arquitetura**, Rio de Janeiro, n. 68, p. 17-19, fev. 1968.

_____. The fits and misfits of people's housing. **RIBA Journal**, Londres, v. 81, n. 2, p. 14-21, fev. 1974.

_____. **Autoconstrucción**: Por una autonomía del habitar. La Rioja: Pepitas de Calabaza, 2018.

COMO CITAR

HUAPAYA ESPINOZA, José Carlos; CERQUEIRA, Laís da Silva. John F. C. Turner em Salvador: Aproximações à problemática habitacional brasileira. **RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura**, n. 11, p. 98-113, 2024.